

GERATIVISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Odineide Farias de Oliveira (UFAC)

odineideufac@gmail.com

Priscila de Araújo Pinheiro (UFAC)

Valério Oliveira da Silva (UFAC)

1. *Introdução*

Este trabalho visa expor alguns conceitos e reflexões acerca do Gerativismo, entendido aqui como uma teoria que além de tentar formalizar os fatos linguísticos, se propõe a explicar o funcionamento desses fatos, a regularidade de cada língua, abordando tanto os aspectos universais da linguagem bem como o fenômeno da criatividade. Além desses termos, podemos chamar também essa teoria de *gramática gerativa*, uma vez que tal teoria pautou-se sobre um estudo gramatical, incisivo no que concerne aos estudos das regras e normas que regem a gramática, em especial aos estudos das regras que sejam comuns a todas as línguas, o que corroboraria na elaboração de uma gramática universal, pois se entende que esta existe e é inata a todo ser humano, e é esta que permite “gerar” o conjunto infinito de frases da língua, ou seja, ela corrobora para que o falante, a partir de uma única frase elabore um número infinito de frases.

Essa faculdade da linguagem [...] é considerada uniforme em relação a toda a espécie humana. Isso significa que todas as crianças, venham elas a ser falantes de português, chinês ou suaíli, são dotadas da mesma faculdade da linguagem e partem do mesmo estado inicial (NEGRÃO et. al. 2002, p. 96).

2. *O gerativismo*

Gerativismo ou gramática gerativa foi criado por Noam Avram Chomsky, em contraponto com a teoria estruturalista de Leonard Bloomfield, o qual é considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana, que considera a linguística como uma ciência independente. A teoria de Chomsky foi reconhecida a partir da publicação de “*Estruturas sintáticas*” (1957), na qual propõe um novo olhar sobre a língua cujo princípio teórico é o de que a capacidade do falante de criar frases é inata, isto é, é inerente, própria do sujeito. Dessa forma, a criança já nasce com uma gramática internalizada, dotada de uma capacidade genética própria de sua espécie, assim

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As gramáticas tradicionais e estruturais eram modelos taxionômico da língua, o que vale dizer que poderiam se limitar a ser coletâneas de exemplos, melhor ou pior descritos, listas de frases francesas corretas e incorretas, sem que exprimissem nenhuma hipótese acerca do funcionamento das línguas, e sempre explicassem coisa alguma a propósito das regularidades delas ou dos universais da linguagem. (NIQUE, 1998, p. 15).

Segundo Christian Nique (1974), essa gramática é “neutra” tanto com relação ao falante como em relação ao ouvinte. Ela é uma teoria da estrutura, do funcionamento do código linguístico.

Temos assim a gramática gerativa, que não se resume apenas a explicação do sistema de regras que subjaz à competência, temos aqui o entendimento de competência como algo comum a todos os falantes e ouvintes, mas é um estudo da emissão e recepção que se inscreve em uma teoria do desempenho, e devido ao objetivo de explicar os fatos linguísticos, ela se distingue, apesar de também estudar as estrutura da língua, das outras gramáticas.

Resumidamente, Noam Chomsky rompe com seu mestre (Harris) quanto ao modelo do corpus finito de enunciados naturais, o qual estava inserido na linguística americana desde a metade do século XIX. Ele recebe e divulga a herança do transformacionalismo e se insurge contra o empirismo descritivista. A proposta de Chomsky é revolucionária no campo da linguística, daí porque é chamada de teoria transformacional. As várias etapas de suas pesquisas culminaram, como visto acima, num modelo teórico extraordinário, pois abriu aos estudiosos da língua um novo caminho para a compreensão da aquisição da língua de modo diferente do que era tradicionalmente conhecido, cujo. Ana Paveau e Sarfati (2006, p. 168) apresentam a evolução dos modelos gerativistas da seguinte forma:

Ele expõe o que chamamos “teoria padrão” nos anos 1950 e 1960, depois a “teoria padrão ampliada” nos anos 1970, e propõe um último modelo nos anos 1980, com desenvolvimento nos anos 90: a “teoria dos princípios e parâmetros”.

Quanto à teoria dos princípios e parâmetros elaborados por Chomsky em 1984, resultou numa adequação dos conceitos estabelecidos sobre a Gramática Universal, diante dos numerosos questionamentos que surgiram em volta da referida ciência. Além disso, as novas descobertas sobre a aquisição da linguagem forçavam uma ampliação do modelo elaborado e de novos conceitos para fundamentar esta teoria. Os novos postulados afirmavam que ao nascer, a criança trazia consigo uma pré-programação de princípios que são universais. E quanto aos parâmetros,

estes são ajustados conforme os dados da língua de cada indivíduo. Assim, fica claro que em todas as línguas existentes no mundo há princípios que não podem mudar, mas quanto aos parâmetros, que são as marcas peculiares das línguas individuais, funcionam de conformidade com as idiossincrasias de cada uma. Souza e Paiva³⁸, em “Aquisição da Linguagem à luz do Modelo Gerativista”, esclarecem que

...se passou a acreditar que a gramática universal é disposta por princípios ou “leis” que são constantes e que são usadas igualmente em todas as línguas; contendo também parâmetros ou “leis” que tem representações definidas pela língua que se encontra, ocasionando as divergências entre as línguas e as transformações dentro de uma mesma língua. Nessa teoria a função da criança é analisar todas as parte do *input* e depois processá-lo a fim de abrir o valor que cada parâmetro deve possuir.

3. Língua e aquisição de linguagem

A gramática gerativa representa a competência linguística de cada falante. Essa teoria discute o conhecimento mentalizado que cada falante possui da língua em seu cérebro, o qual é chamado de *competência*, e a utilização desse conhecimento no meio em que ele vive chama-se *desempenho*.

Christian Nique (*apud* CHOMSKY, 1974, p 24) diz que a competência se define como “o conhecimento que o falante ouvinte possui de sua língua”, e a performance como a utilização real em situações concretas’ da competência. Isso significa que temos um conhecimento implícito da língua chamado competência, e quando utilizamos esse conhecimento em situações reais de uso chama-se performance.

Se a competência, a posse do mecanismo linguístico é teoricamente a mesma para todos os falantes, a *performance*, ou seja, a colocação em funcionamento desse mecanismo, varia consideravelmente de um para outro sujeito, em função de numerosos fatores como a atenção, a fadiga, a emotividade, e, também, da situação sociocultural do falante, do tipo de conversação que ele entabula, do local em que ele se encontra, etc.(NIQUE, 1974, p. 14)

A competência linguística presente na mentalidade infantil oferece a capacidade de o infante se comunicar de modo surpreendente. Isto acontece de forma natural. Cerqueira assegurou que os pais não se preocupam em ensinar a seus filhos a falarem, o que acontece com o aprendizado de outras habilidades que o ser humano aprende, às vezes de ma-

³⁸ <http://www.profala.com/artpsico67.htm>

neira insistente com que os responsáveis passam o conhecimento. É surpreendente observar a capacidade de a criança, ainda em tenra idade, poder criar novas frases através do aprendizado adquirido. Ela sozinha organiza a frase e sabe perfeitamente a utilidade das palavras, embora não saiba nada sobre gramática normativa (informação verbal)³⁹. É interessante também observar que a capacidade da criança em articular através da linguagem não está restrita às questões externas, sejam quais forem a natureza dessas condições. Esmeralda Negrão et al. (2002, p. 96) afirmam que:

[...] seja qual for o ambiente linguístico em que a criança cresça, sejam quais forem suas condições socioeconômicas, o estado inicial da faculdade da linguagem de qualquer criança é o mesmo [...], não existem diferenças entre crianças nascidas no hemisfério norte ou sul.

Dessa forma entende-se que essa dádiva é dada a todos, independentemente de seu status, nacionalidade, ou quaisquer outras condições.

Para explicar estes fatos, temos na teoria de Chomsky duas gramáticas. Uma universal, como o próprio nome remete, é comum a todas as línguas e a todas as pessoas; é aquela gramática que temos internalizada em nossa mente quando nascemos, é o nosso conhecimento implícito das línguas. A outra gramática é a particular, que fazendo uso da gramática universal e das características particulares de cada língua, oferece ao falante a desenvoltura da linguagem. Segundo Luft (1998, p. 35)

A primeira gramática se refere ao domínio de um complexo de princípios gerais inatos que subjazem às gramáticas de todas as línguas e a segunda se refere ao domínio do sistema de regras específicas de uma língua, internalizado pelos falantes graças à convivência linguística, e que vem a constituir seu saber linguístico, o saber sua língua nativa, e, eventualmente outras línguas que forem adquirindo.

Vale a pena ainda mencionar as reflexões de Luft, o qual estuda a aquisição da linguagem através do *inatismo*, tese que diz que a criança já nasce com uma gramática internalizada chamada gramática genérica ou ‘universal’, segundo a visão de Chomsky.

O ser humano já nasce provido de uma gramática genérica, “gramática universal, de universais *linguísticos*”. Evidentemente ninguém nasce com a gramática de uma língua determinada. Nasce, isto sim, com uma estrutura linguística genérica, base para a apreensão das estruturas específicas de qualquer língua natural. (LUFT, p. 52).

³⁹ Informe repassado pelo professor Vicente Cruz Cerqueira aos alunos do mestrado linguagem e identidade da UFAC em julho de 2010.

Com base nos conceitos de Chomsky, depreende-se língua como um sistema de signos linguísticos e a capacidade de cada indivíduo em utilizar esses signos. É o conhecimento que as pessoas têm que faz com que elas através de um número finito de regras criem um número infinito de sentenças. Todo esse processo chama-se estado mental final na aquisição da linguagem, o qual diz respeito “saber a língua”. Este saber não é o saber, por exemplo, de linguistas e gramáticos, mas o saber necessário para se comunicar no meio em que vive.

Nessa fase, ao fim da segunda infância, entre e seis anos, a criança é gramaticalmente adulta. Ela então “sabe” a língua, isto é, ela a maneja com desenvoltura e a contento; não conhece conscientemente, verbalizadamente, as regras, mas domina aquelas necessárias à sua comunicação, ou seja, todas as regras fundamentais. (...) “Saber a língua” é ter chegado ao “estado estacionário final” no processo de aquisição de linguagem. Daí por diante, vai-se aumentando sem parar o vocabulário, subindo na escala de níveis socioculturais de linguagem, adquirem-se expressões técnicas e profissionais; enfim, vai-se completando e burilando aquela matéria que, basicamente, aos seis anos se “sabe” (LUFT, 1998, p. 61).

Conforme dito acima, a aquisição da linguagem nasce com a criança e a aquisição da língua materna é o processo de amadurecimento desta. Isto indica que ao nascer, o indivíduo traz consigo os mecanismos necessários para ser um falante e um ouvinte eficaz. As estruturas cerebrais funcionam como um computador programado para atender a uma necessidade do fabricante, no que concerne à leitura dos caracteres. Nique (1974, p. 13) afirma que a criança “possui as estruturas mentais universais que lhe permitirão construir o sistema linguístico particular no meio do qual ela se encontra. (NIQUE, 1974, p. 13). Tal afirmativa corrobora o que foi acima mencionado sobre o pensamento gerativista.

Conforme o modelo gerativista, as frases que as crianças produzem não são meras imitações aproximativas da fala dos adultos, pois suas produções possuem algumas características que não se ver na fala dos adultos, ou seja, os enunciados são originais. Pensar o ensino de língua materna pela perspectiva da gramática gerativa é considerar o aluno dotado de uma capacidade própria de desenvolver a linguagem.

Além disso, se encararmos mais de perto a possibilidade que tem a criança de aprender qualquer língua, somos obrigados a supor que a criança possui uma noção precisa e intuitiva do que venha a ser a “gramática possível”, de uma língua. Com efeito, se ela é capaz de reconstruir, a partir das frases que ouve as leis da língua do seu ambiente – e ela o faz em um tempo mínimo – ela possui um conhecimento implícito, inato, do que venham a ser tais leis. (NIQUE, 1974, p. 16).

4. Conclusão

É fato que a teoria de Noam Chomsky é de suma importância para os estudiosos da linguagem, uma vez que na corrente de estudos gerativista, temos como proposta central uma reflexão sobre a linguagem, utilizando-se da sintaxe como meio de explicação para o funcionamento da mesma. Temos, portanto, a partir de Chomsky um estudo que defende uma gramática explicativa e científica.

Assim, com a proposta de uma gramática universal, cujas regras deveriam ser descritas, levando-se em conta, ainda, a teoria desenvolvida posteriormente e intitulada “Teoria de princípios e parâmetros”, essa nova visão sobre a língua proporcionou reflexões e desenvolvimentos nos estudos da linguagem, assim, pelo anteriormente exposto, não se pode negar a importância e avanços proporcionados pelos estudos desenvolvidos à luz dessa teoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERQUEIRA, Vicente Cruz. *A sintaxe do possessivo no português brasileiro*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2009.
- NIQUE, Cristian. *Iniciação metódica à gramática gerativa*. São Paulo: Cutrix, 1974
- PAVEAU, Anne-Marie; SARFATI, Jorges-Elia. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. Trad. M. R. Gregolin et al. São Carlos: Clara Luz, 2006.
- SOUZA, Antônio Rômulo Bezerra de; PAIVA, Roberta Farias. Aquisição da linguagem à luz do modelo gerativista. Disponível em: <http://www.profala.com/artpsico67.htm>. Acesso em: 09 de outubro de 2010.